

LITERATURA EM TEMPOS DE CRISE OU A ESCALA DE RICHTER

Carlos d'Alge

Vamos chegando ao fim do ano com um alentado número de publicações de autores cearenses apresentados no Náutico, clube que vem promovendo, com sucesso, desde 1971, autógrafos de escritores já consagrados e estreantes, possibilitando uma ampla divulgação além fronteiras, através do seu Boletim de Notícias, da produção literária local que ascende a mais de quatrocentos títulos lançados nestes doze anos.

Certamente nem tudo que se apresenta no Náutico é obra consagrada ou a consagrar. O clube e seu Departamento cultural nunca pretenderam estabelecer uma seleção para autores ou expositores cearenses. O Náutico crê na sua função social e como um clube democrático, que representa a classe média fortalezense, acolhe a todos que o procuram para lançamento de obras ou mostras de arte. O clube tem até certo orgulho deste procedimento: um dos jovens que expôs pela primeira vez nos seus salões obteve prêmio, mais tarde, na Bienal de São Paulo.

Lançamos muita gente jovem no Náutico, poetas e ficcionistas. Com uma média de três a quatro livros apresentados por mês, teríamos os quatrocentos de que falamos acima. Em 83 promovemos cerca de quarenta autores. Para mostrar o que foi feito, selecionamos entre os autores consagrados e estreantes dez deles para uma ligeira mostra aos leitores.

Assim é curioso que em época de crise e desemprego, recessão e fome, embora haja quem a negue e tente provar que as imagens transmitidas pela TV não passam de ficção, e que os saques são mera conjura comuno-anarquista, a

poesia continua em alta. Isto é, nunca se escreveram tantos livros de poemas como agora.

Da sua qualidade? Há poetas conhecidos e de indiscutível valor, como há poemas de jovens estreantes. Não caberia a nós julgá-los porque o nosso juízo poderia incorrer em valores discutíveis.

Vamos aos livros: escolhemos dez autores entre os quarenta que foram lançados no Náutico. São oito livros de poesia, um romance e um de ensaios.

OS POETAS

Entre os poetas consagrados está Artur Eduardo Benevides, que comemorou, em 83, os seus quarenta anos de atividades literárias com dois novos livros: *Inventário da Tarde* e *Sonetos de Beira-Mar e Elegias do Espaço Imaginário*, e Pedro Lyra, cujos poemas de Decisão mexeram com muitos leitores e críticos. A eles somam-se: Antero Coelho Neto, médico e professor, atual Superintendente Regional do INAMPS, que se debruça em *O Homem e a Poesia*, no poético e no prosaico de todos os dias; Regine Limaverde, professora do Centro de Ciências Agrárias da UFC, autora de *Ressurgências*, por nós prefaciado; Costa Matos, professor e funcionário público federal, que consegue conciliar otimismo num mundo de cifras e desesperos econômicos em *Na Última Curva da Esperança*; Gilson Nascimento, com o seu primeiro livro de poemas dedicados às memórias da infância e à família; Sinésio Cabral, Procurador da Justiça e professor, dos primeiros tempos de CLÁ, autor dos *Sonetos e Poemas*; e Rogélio Fernandes, diretor do setor de habitação da Caixa Econômica, que estréia com o livro *Poemas*.

O poeta Artur Eduardo Benevides, multipremiado, oferece-nos dois livros, um deles vencedor do Prêmio Filgueiras Lima. Destes dois livros merecem especial destaque os sonetos, mais especificamente os "Vinte Sonetos de Amor" do volume *Inventário da Tarde*. São sonetos estruturalmente perfeitos, com fortes ressonâncias camonianas, isto é, do Camões perseguido pela idéia do amor ideal, não realizado mas espiritualmente consumado na sua visão neoplatônica e maneirista.

Bastariam estes versos para tornar o poeta Artur Eduardo Benevides um digno continuador dos desconcertos do mundo e do amor cantados pelo lírico português: "De silên-

cio se faz a longa espera. / Teu amor impossível é tão distante! Repenso em ti de forma delirante / E minha dor me fere e me dilacera”, e um pouco mais além: “Se longe estás, contudo, és sempre perto: / De mim, que incauto sigo um rumo certo, / Tentando achar no amor minha verdade.” A poesia de Artur Eduardo Benevides reflete a sua mundivivência, as suas alegrias e os seus pesares, a sua solidão e também a sua indignação, patente nas elegias e nos poemas políticos, com os desacertos das gentes e do mundo.

Em contraste com o tom lírico e elegíaco do poeta de *Inventário da Tarde*, Pedro Lyra, professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro, crítico e Doutor em Letras, após um longo período em que os originais dos seus poemas foram zelosamente guardados, alguns deles lidos por amigos fiéis, publica o volume *Decisão. Poemas Dialéticos*. É o terceiro livro de poesia do autor. Compõem-se de quatro partes: Poética, Fundamentos, No Inferno de Ouro e Proposições. Estes poemas constituem uma leitura poética dos fundamentos da análise marxista sobre a sociedade capitalista e as contradições que a envolvem. *Decisão* é como um soco: um tiro, como preconizava André Breten no seu manifesto surrealista. Um soco no mundo centrado no poder do dinheiro e da usura e, em especial, nos defensores dos privilégios, pondo a nu as suas mentiras e a sua degradação. Em certos trechos, Pedro Lyra lembra Brecht e Maïacovskî, na sua justa indignação contra o mundo burguês: “Mas eu, meus camaradas, eu estou tentando colocar em versífrases o fantasma da dialética / (E o fantasma da dialética já abriu em cova rasa / o túmulo da burguesia mundial.)” Isto é: “até o dia em que / o ser burguês / cede a vez / a um ser humano.”

O médico e professor Antero Coelho Neto é autor de *O Homem e a Poesia*. Não se trata de livro de estréia; anteriormente publicara os *Poemas do Outro*. O médico consegue conciliar o exercício da medicina com a reflexão e o sentimento do poeta. Escrevi certa vez que os médicos seriam, pela natureza do seu trabalho, os melhores humanistas, e, portanto, os mais completos escritores. Há fartos exemplos: Afrânio Peixoto, Guimarães Rosa, Júlio Dinis, Fernando Namora, Somerset Maughan e Robin Cook, para citar épocas e tendências. Neste segundo livro, Antero reflete sobre a medicina, a ecologia, o amor, os desconcertos do mundo e a *overdose*. Ainda bem que escreve, numa época em que se privilegia a ciência em detrimento do humano: “O homem sou

Eu / e a Poesia / é a minha Força.” Merecem destaque os seguintes poemas: “A Passeata da Fome”, “O Dia da Criação” e “A Fila”, este último evocador duma situação vivenciada no dia-a-dia pelo clínico previdenciário: “Mas aqui eu estou / atendendo é à fila / de pessoas sem face / de gente com fome / e que vai voltar / amanhã novamente. / Diacho de vida. / Diacho de fila /. Seu Superintendente!” Agora, conduzido à Superintendência Regional do INAMPS, não sei como o poeta irá se entender com o Superintendente do poema...

Regine Limaverde, depois da primeira experiência poética de *Rio em Cheia*, deu-nos este ano alguns belos poemas em *Ressurgências*, livro mais amadurecido e trabalhando com mais vigor textual. No meu prefácio a *Ressurgências*, apontei os vários aspectos da sua poesia, a influência do seu trabalho na pesquisa realizada no Laboratório de Ciências do Mar da UFC, e um genuíno sentimento feminino, não feminista, mais próximo a Florbela Espanca, com quem tem algumas afinidades. Remeto os leitores ao prefácio e aos poemas para uma leitura mais atenta: que a poetisa merece.

Costa Matos, professor e funcionário público federal, é autor de *Na Última Curva da Esperança*. Que esperança é esta? No prefácio, que confessa modesto, o poeta responde que a esperança está na volta de Deus e propõe-nos uma análise axiológica sobre a reforma do homem e da sociedade. Seus poemas dizem isso: presságios angustiantes, solilóquios sobre os desacertos dos homens, evocação de tipos populares mas autênticos como Dona Joana Burra, Seu João Gostoso e Siá Sebastiana, humilhados e ofendidos, pobres e desamparados, merecendo um olhar do protetor dos humildes, o Santo de Assis: “Não foi bem vida aquela vida humana! / Nosso Senhor perdoe a Dona Joana / que ela está por saber que se matou.” Costa Matos, no seu habitual comedimento, de contentação e discrição, é capaz de conciliar leituras de Elias Canetti, Teilhard de Chardin, Dostoievski, com os versos estimulantemente populares de Geraldo Vandré, e também recriar, a partir de leituras do Evangelho, algumas parábolas de significado profundamente humano e social.

Gilson Nascimento, dentista até à década de 60, professor de Inglês, e agora aposentado como Fiscal do IAPAS, estréia como poeta em *Caminhos do Tempo*. Residindo no Rio de Janeiro, as suas lembranças poéticas são para a sua terra natal, especialmente para Maranguape, onde viveu a sua infân-

cia. Poesia deliberadamente evocativa e celebrativa, fala-nos das lembranças familiares, das descobertas da infância e da juventude, como se estivéssemos a folhear um álbum de família. Há ainda reflexões sobre a morte e sobre a chuva caindo na terra rachada pela seca. O poeta também se revolta contra a violência urbana, e exemplo disso é o poema "O Gato". Todavia, é no soneto "A Acácia e a Vida" que encontro o melhor da poesia de Gilson Nascimento quando se debruça sobre a efemeridade das coisas: "Também na vida nos bafeja o riso / que nos vem d'alma sempre que é preciso, / e afoga, então, a mágoa que tortura."

O procurador e professor Sinésio Cabral, que em tempos da juventude, lá pelos anos quarenta, acompanhou as tertúlias dos jovens de CLÃ, reuniu em livro os seus versos: 25 alexandrinos e trinta poemas entre os já publicados e alguns inéditos. Os sonetos compõem a maior parte do volume e todos estão datados, entre 1940, o primeiro, e 1982, o último. A seleção de *Sonetos e Poemas* é do próprio autor. Os alexandrinos são perfeitos; os demais poemas dividem-se em "Ritmos e Sons", "Mundo Exterior" e "Novos Ritmos". Em síntese: são poemas de intensa tonalidade lírica e emocional, denotando as vivências do autor preso a imagens resgatadas da infância, da descoberta do amor e do sossego de uma vida familiar bem constituída. Há poemas também circunstanciais, como os escritos por ocasião da segunda guerra mundial, e aqueles dedicados a evocações da vida rural cearense, como a "Ode ao Vaqueiro" e "Várzea Alegre".

Rogélio Fernandes é o último poeta desta seleção de dez autores. Natural de São Paulo, vive em Fortaleza, há alguns anos, depois de uma estada em Salvador. Dirige, nesta cidade, o setor de habitação da Caixa Econômica Federal. Os seus *Poemas* constituem a sua estréia como escritor. Moreira Campos escreveu o prefácio e eu tive o prazer de apresentar o livro no Náutico. Como anotou mestre Moreira, Rogélio Fernandes é um poeta legítimo, comprometido com a dor do mundo e com o seu próprio desalento face à degradação atual. Os poemas estão datados de 1965 a 1982. Muitas vivências, muito encantamento e muito sortilégio, mesmo nos poemas curiosamente escritos em espanhol, que revelam um apuro lingüístico do poeta e cuja sonoridade nos encanta e nos comove. Rogélio evoca cenas familiares, desespera-se com a violência existente nos grandes centros urbanos, serve-se de imagens universais como o Quixote, e exorciza algu-

mas desilusões e angústias fazendo a sua autocrítica: “Minhas idéias também poderiam ser amassadas como papéis/velhos para serem atiradas ao lixo./ (...) O que não daria agora para saber alguma coisa / para ter a espontaneidade e a pureza daquele operário / de mãos sujas, que cava a terra e enxuga o suor do rosto com o braço.”

A PROSA: ROMANCE E ENSAIO

Entre os dez livros selecionados para esta retrospectiva literária, dois são escritos em prosa e por mulheres. Trata-se de um romance e de um volume de ensaios. As autoras: Helena Cunha e Noemi Elisa Aderaldo. Ambas representam muito bem a sua geração, e às duas dedico estas linhas não só porque merecem realce pela apresentação correta dos seus textos, mas porque representam ainda e brilhantemente — os alunos das primeiras turmas egressas da Faculdade de Letras da UFC, que se destacaram no magistério e em outros setores da vida profissional. A massificação da Universidade cedeu lugar à falta de talentos, salvando-se pouquíssimas exceções, entre as turmas mais recentes, como os talentosos Paulo Veras, precocemente falecido, Marly Vasconcelos e Carlos Emílio Correia Lima.

Helena Cunha é autora do romance o *Grito do Silêncio*, e Noemi Elisa dos ensaios *Nos Caminhos da Literatura*. Helena Cunha oferece-nos no seu primeiro livro uma história real dramatizada num romance escrito com muita amargura e também com bastante sentimento. Uma história que se lê com interesse, sem apelo a nenhuma fantasia ou concessão a um gênero que faz sucesso. Por outro lado, a autora não tem preocupações literárias e lingüísticas, a não ser a de contar uma história e uma história de que ela é agente e testemunha. Assim, *O Grito do Silêncio* acaba por ser um romance enxuto (com o significado clássico deste termo), sem se tornar artificial e hermético, dois defeitos de certos romances brasileiros. O que se deseja num romance é uma boa história para se ler e que seja bem contada, mesmo que não possua o convencional final feliz — este fica para as telenovelas, preferencialmente das sete horas.

Noemi Elisa reuniu em volume doze ensaios de literatura portuguesa, literatura brasileira e uma reflexão sobre a dialética platônica. *Nos Caminhos da Literatura* é o seu livro

de estréia e os ensaios alguns foram publicados na *Revista de Letras* da UFC, outros são inéditos. Aí o leitor encontrará em vigorosas pinceladas julgamentos sobre Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Cesário Verde, Camilo Pessanha, e os estudos sobre o franciscanismo na obra de Eça de Queiroz, objeto da sua tese de mestrado, sob a orientação do mestre Agostinho da Silva. Caberia destacar neste volume, em particular, dois ensaios: a análise da simbologia do fogo em Sá-Carneiro e o estudo sobre o fantástico em Murilo Rubião.